

O DENTE DO ANCINHO

— VÍCTOR CATALÀ ¹

— RAQUEL SIPHONE ²

APRESENTAÇÃO

Escrito no início do século XX, “O dente do ancinho” faz parte do volume *Contraluzes (Contrallums)*, de 1930, uma antologia de contos composta por nove títulos além desse que traduzimos aqui. Caterina Albert i Paradís (1869-1966), conhecida por seu pseudônimo literário Victor Català, teve o primeiro grande reconhecimento de sua obra em 1898, ano em que ganhou em duas categorias distintas (“monólogo mais original” e “poema”) dos Jocs Florals, na nona edição do Concurso Literário de Olot. Em suas primeiras publicações, a autora conseguiu manter o anonimato por trás de seu pseudônimo. Mas em 1902, com o sucesso alcançado por sua antologia de contos *Dramas rurais (Drames rurals)*, a corrida para encontrar o rosto por trás daqueles textos levou os jornalistas da época até Escalà, cidade natal da escritora.

Como mulher pertencente à nobreza provinciana, Caterina Albert fazia questão de separar sua vida privada de sua vida literária. Em 1917, ela escreve: “Este nome[, Caterina Albert,] deve ser usado apenas em minha vida privada. Quando estou com a pena entre os dedos não sou e não quero ser outra se não Victor Català” (CATALÀ, 2012, p. 18). Para Núria Nardi (*apud* CATALÀ, 2012, pp. 17-18), a escolha por utilizar um pseudônimo masculino nascia da liberdade de tom que poderia ser adotado em sua escrita, bem como a preservação de sua imagem, dentro das expectativas de uma mulher pertencente a sua classe. De modo que “o nome Victor Català lhe serviu para traçar uma fronteira entre a vida privada e a vida pública” (NARDI *apud* CATALÀ, 2012, p. 18).

Foi, portanto, “na criação literária” que Caterina Albert encontrou o espaço para “falar livremente” (NARDI *apud* CATALÀ, 2012, p. 19), sem as pressões sociais de classe ou de gênero. Ligado ao modernismo catalão^[3] – movimento que, segundo Ferran Carbó e Vicent Simbor (2005, pp. 29-30), não pressupõe uma estética una, ligada à noção de escola literária, mas sim, a intenção de um grupo de autores em criar uma nação moderna e nacional catalã –, o estilo de Victor Català pode se desenvolver de forma livre e sincrética.

[1] Víctor Català, pseudônimo de Caterina Albert i Paradís (1869-1966), foi uma escritora catalã. Autora de poemas, contos, romances, peças etc., sua obra pertence ao movimento modernista catalão.

[2] Raquel Siphone é graduada e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

[3] Assim como o modernismo brasileiro, o catalão abrangeu diversas formas artísticas, sendo, talvez, a mais renomada, a arquitetura – sobretudo na figura de Antoni Gaudí (1852-1926). Historicamente, no entanto, ocorreu mais de 30 anos antes do primeiro modernismo no Brasil, tendo início ao final do século XIX

Apesar de a princípio ter alcançado reconhecimento por meio dos gêneros dramático e lírico, sua obra é composta majoritariamente pela prosa. Sua escrita é marcada por um registro do catalão literário pré-franquista, com grande variedade lexical e forte influência de temas e jargões rurais, que são abundantes em sua poética. Em sua linguagem, a autora recria as falas locais, imitando sotaques por meio de deslocamentos fonéticos e o uso abundante de vocábulos característicos da região interiorana de l'Empordà – nordeste da Catalunha, já próximo à França –, o que, muitas vezes, dificulta o processo de tradução, já que muitos desses termos sobreviveram em sua poética, mas não nos dicionários ou fontes bibliográficas.

Além disso, há uma clara preferência pelo retrato do campo, ainda que abandonando a “visão idílica do século XIX” para dar lugar a um “mundo rural focado por um lado sombrio e trágico”, um espaço em que “a vida se manifesta em sua forma bruta, em toda a sua violência [...] e onde os seres humanos são, ao mesmo tempo, vítimas e algozes” (NARDI *apud* CATALÀ, 2012, p. 28).

Suas narrativas colocam, frequentemente, a mulher como figura central, examinando a condição frágil da posição feminina em um mundo patriarcal, composto de luz e sombra, em que a luz só pode sobressair em meio à escuridão. Em seu prefácio ao volume *Penumbras (Ombrívoles)*, a autora afirma:

O coração humano é como uma casa com quatro lados: em três deles, ora faz sol, ora faz sombra, mas a quarta lateral é reservada exclusivamente para o escuro. Aqueles que observam por meio dos três primeiros veem paisagens alegres e repletas de vida; nelas não há fortes contrastes, porque mesmo os traços escuros são ensolarados e quentes com um brilho ofuscante. Mas aqueles que olham pelo quarto lado se deparam com imagens sombrias, um sombrio gelado, repleto de mágoas antigas. Há sol nelas também, mas ele está tão distante de tudo, como nos planos de fundo dourados dos mosaicos bizantinos, em que a bela e plana uniformidade se destaca por meio de traços escuros das figuras e representações que ocupam o primeiro plano” (CATALÀ, 2012, p. 313, tradução nossa)

Em “O dente do ancinho”, Victor Català trabalha precisamente com essa dicotomia: em que as mais belas e idílicas paisagens são o palco para a violência e a brutalidade. Esperamos que a tradução possa revelar para o leitor toda a complexidade da poética dessa grande autora. Uma boa leitura.

TRADUÇÃO

Assim que retirou do forno, a primogênita^[4] comeu o seu prato de sopa de menta e uma torrada de alho e foi logo se arrumar para pegar, ainda pela manhãzinha, o caminho para Suriola. Depois de penteada e pronta, pegou no guarda-roupa um grande lenço — que cheirava a roupa recém lavada e a maçãs — para embrulhar a torta. Sempre que sovava massas, fazia uma torta doce, mais ou menos do tamanho de uma palma aberta. Diziam que ela tinha mão para as tortas, que era a guloseima favorita daqueles que viviam ao seu redor, e ela se certificava de que isso não fosse dito em vão. Mas naquele dia, preparou com ainda mais dedicação, já que a torta era para sua tia de Suriola, a quem tanto amava, pois, essa mesma tia se fez mãe dela quando, aos quatro anos, perdera a sua. E, a verdade, é que a torta havia saído perfeita: dourada como um fio de ouro, nem muito fina nem muito grossa, macia e succulenta (porque as dentaduras de seus tios já não eram das melhores e não davam para coisas duras), envolvida por uma crosta de açúcar derretido, com pinhões descascados, enfeitada com manjubas salgadas e pedaços de doce de marmelo. Se não fosse por aquela leve queimadinha na parte de baixo da borda, pareceria feita por um confeitoiro. Não suportando ver uma falha daquelas, molhou o dedo com uma gota de aguardente e, após passar o dedo na zona afetada, polvilhou com a farinha. Só então pôs-se satisfeita ao contemplá-la, com uma certa pontinha de vaidade, antes de envolvê-la cuidadosamente com o branco do lenço.

Já eram seis e meia quando ela destrancou a portinhola para pegar o atalho, a fim de cortar caminho.

Antes de partir, despediu-se de seu pai, que saindo do estábulo das éguas, veio lhe perguntar:

- Lembrou de pegar o dente do ancinho?
- Desde ontem à noite já está na minha cesta.

Referia-se a uma peça que havia sido quebrada, não se sabia como, pelo moço grosseiro que colhera alfafa no dia anterior.

- Se não tiver conserto, traga-a de volta, que vou usar para desentupir o encanamento da pia.

- Está bem, pai... fica com Deus...
- Um bom dia, menina. Mande lembranças aos seus tios.

E assim partiu com a grande cesta na mão e um lenço, disposto cuidadosamente na dobra do braço, em meio à correria alvoroçada e gritaria infernal dos cachorros.

Fazia pouco que a aurora havia rompido, e o mundo, ainda repleto de um cinza opaco, se assemelhava a um copo de estanho. A aragem da manhã, fina como unha de criança, beliscava levemente sua pele, e o chão ainda estava escorregadio da geada da noite anterior.

[4] Trata-se da palavra *pubilla* em catalão, que designa a filha mais velha de uma família. Aquela que receberá a herança familiar e será responsável por manter o patrimônio. Posição ocupada pela própria autora, Caterina Albert. Aqui optamos pela tradução “primogênita”, que preserva a posição de primeira filha nascida e, ao mesmo tempo, marca essa especificidade da língua catalã com uma palavra certamente não tão usual em português.

Em frente à casa, uma grande esterqueira fumegava como a boca de um forno, incensando o ambiente com seu bafo quente, com um cheiro tão forte que os olhos ardiavam.

A primogênita desceu lentamente os degraus das hortas. As couves de cima e as ervinhas ao redor estavam todas brancas, como se também tivessem sido polvilhadas com açúcar, e nas de baixo, uns arranhados, aqui e ali, denunciavam que os coelhos começavam a cobrar o dízimo dos grãos-de-bico. E na azinheira ouvia-se uma piação de pássaros...

Antes de entrar na sombra crepuscular do bosque, a jovem correu os olhos por tudo que era capaz de enxergar, como quem repassa uma lição conhecida há tempos, e o seu coração palpitou, agitado pela retomada de uma ventura pacífica. Se tivesse a ousadia, faria como os cachorros que a cada manhã pulam e armam o maior alvoroço apenas porque um novo dia começa...

Nas vinte e quatro horas de cada dia que se inicia, as mudanças precisam ocorrer depressa para se dar conta de tudo.

Assim, ao sair do bosque em direção ao caminho propriamente dito, o mundo já não se parecia mais com um copo de estanho opaco, como ainda há pouco. Cristalino como a água, repleto de claridades e transparências irisadas, agora lembrava uma taça de cristal recém-lavada...

Sempre ouvia todos se queixarem daquela parte da estrada que nunca chegava ao fim, mas ela gostava muito dela. Enquanto caminhava, passo a passo, com seus passinhos curtos e contínuos de perdizinha, gostava de se deixar levar, distraída pelas impressões fugídias que lhe acometiam, como que na companhia de alegres transeuntes, sem se preocupar com os buracos e desníveis no chão que tornavam o caminho difícil, ou com as garras dos espinheiros e dos arbustos que se agarram às saias com a mesma persistência dos pedintes obstinados que andam pelas estradas rurais. E a vista que tinha! De um lado a outro da planície! Chácaras, aldeias, vilas, florestas, regatos, lagoas, ermidas, passagens, fendas, encostas, montes de pedra, curvas, pastos, pedregulhos, areais, pontes, canais... parecia um presépio e, como tal, ao seu redor estavam rebanhos, aldeões, casais de lavradores, carros de bois, caravanas de peregrinos e ainda madressilvas e alecrim, relinchos de potros, cacarejar de galinhas, estalar de chicotes, gargarejos, correntes de água, caudas de pintassilgos, o voar das garças, uma fumaceira azulada, uma claque de conchas, o ziguezague de lagartixas, os disparos de um caçador, os latidos de um cão de caça... tudo isso em um sem-fim!

Nesse momento, o sol, que despontava atrás da encosta, todo avermelhado como se tivesse acabado de aprontar alguma sem-vergonhice, com um raio preguiçoso, fazia dos vidros da Nespleda

pequenos espelinhos; enquanto isso a casa de campo, em cima do morro ainda mal iluminado, parecia um ônibus com os faróis acesos... um pouco mais longe, o castelo de Curriol surgia sobre a neblina baixa, que escondia o sopé da montanha, parecendo suspenso entre o céu e a terra...

Encontrou-se com as lavradoras do Gambí, todas em fila, com os escardilhos e almocafres nos ombros.

— Onde vai, primogênita? A Suriola?

— A Suriola, se quiserem vir...

— Dizem que sua tia ainda não está bem, não é?

— Tiveram que fazer lavagem...

— Praga ruim de se ter nessa idade... água pra fora e comida pra dentro...

— Tem razão...

— É um bom remédio para isso!

— Deus o queira!

— Até mais, primogênita...

— Até logo, senhoras...

Por alguns minutos, ainda as ouviu falar e rir atrás dela; depois, voltou a ficar sozinha ao longo de toda a estrada e a paisagem novamente roubou-lhe os olhos e o coração.

O que era, por fim, aquela brancura difusa, uma espécie de poeira, encantada, que estava à direita?... Era ela! Era Mata-rodona, a terra de seu tio! Precisamente! Via agora bem no meio a torrezinha do campanário, que lembrava um cone de biju de ponta-cabeça... era sempre assim, pega de surpresa! Provavelmente porque aquele era um povoado que mudava a sua aparência conforme a luz que batia nele. Olhando para ele, agorinha, quem não diria que parecia outra coisa senão um copo de leite? E, ainda assim, ela sabia que ali não havia uma única casa branca, tinham todas a mesma cor de um pão caseiro...

Pôs-se a coçar a bochecha direita porque o sol, subindo depressa, ardia na pele assim como o cheiro de cânfora queima o nariz. Por causa do calorzinho que fazia e da caminhada, o sangue dava-lhe cócegas em todo o corpo e quanto mais se mexia mais tinha vontade de se mexer; as pernas já andavam sozinhas, sequer as sentia, e o caminho desaparecia embaixo dos seus pés. Havia passado por Birell, todo afundado à margem da estrada, com seus montes de feno espalhados e um grupo de gansos brancos e barulhentos; já havia passado também o riacho, onde parava para descansar quando, ainda pequena, passava por ali duas vezes por semana para ir aprender a ler com o mestre em Suriola; já conseguia ver Puntís, uma antiga casa fortificada, desamparada e destinada ao abandono durante as Guerras Carlistas, que agora desmoronava pedra após pedra em meio à solidão, como uma romã madura na ponta de um galho.

[5] *Terelló* ou *peó caminer* (decalque do castelhano) eram encarregados pelo mantimento das estradas na Espanha. Essa função, que foi instituída no século XVIII, perdurou até o início do século XX e consistia no monitoramento das condições de um trecho designado da estrada. Era parte do encargo desses trabalhadores, o renivelamento das estradas necessário pelo desgaste do atrito das rodas das carruagens ou mesmo ventos fortes que moviam as estradas de terra, bem como a retirada de grandes objetos da pista (como pedras ou árvores), limpeza constante para que a mata não invadisse o caminho, etc. Em suma, eram cuidadores das boas condições da estrada, mas seu ofício não era o de policiamento. Esses trabalhadores, inclusive, não eram militares, mas civis.

Próximo da torre cor de juta, o guarda da estrada[5] preparava, às nove horas, uma pequena fogueira de capim. Um ventinho espalhava o rastro da fumaça e o cheiro de fritura em meio ao campo e o sol fazia da chapa metálica de seu gorro um espelhinho cintilante.

— Bom dia, seu guarda...

— Bom dia, moça, está servida?

— Um bom apetite...

A essa altura, o mundo já não parecia mais um copo de estanho nem uma taça de cristal, mas um cálice de ouro, repleto de brilhos e detalhes cálidos. O ambiente tremeluzia a cada movimento das têmporas, era como se botões de giesta desabrochassem, comemorando o Corpus antes da época. O amarelo das abóboras, das laranjas e do enxofre se misturavam, cobrindo as lesões dos montes e deixando-os úmidos... em meio a eles, como que enfeitada pela languidez do verão, a estrada se arrastava silenciosamente em direção às montanhas claras de ametistas – que barravam o horizonte – como uma serpente madrepérola sarapintada de manchas escuras, provocadas pela sombra errante dos pássaros.

Quando já via Suriola ao fundo, como um punhado de trigo sobre uma planície pintada com pinceladas difusas em tons suaves de verde, a primogênita cruzou com outro viajante. Era um andarilho, maltrapilho e sujo, com um odre, prestes a arrebentar de tão cheio, pendurado em um dos ombros. Há um quilômetro de distância o forte cheiro de vinho tinto, de tabaco requeimado e imundice o precedia e anunciava sua chegada; o cheiro queimava o nariz da moça mais que a lufada de estrume em frente à sua casa, a fazenda de la Rambla.

— Até à vista, Roget...

— Hum... — grunhiu guturalmente o homem em resposta, olhando-a de soslaio sem levantar as pálpebras.

A primogênita o conhecia bem, pois, em mais de uma ocasião, havia lhe dado pão quando ele passava mendigando em frente à sua casa. Era um filho de Mata-rodona, vinha de uma boa família, mas era um vadio e taverneiro, e desde muito jovem havia abandonado a casa dos pais e se entregado a uma vida imoral.

Seus parentes não queriam sequer ouvir falar dele...

Eram várias as saudações afetuosas, de homens, de mulheres e até mesmo dos animais e dos objetos, enquanto subia a encosta morta do povoado!

E que alegria a da tia ao receber sua sobrinha e o seu saboroso presente! Não sabia como agradá-la, fazia perguntas e mais perguntas sem lhe dar tempo para respondê-las e queria lhe mostrar trinta novidades ao mesmo tempo: a criação de patos-real, de cravos – piores que as dalias de cravina que ela havia fertilizado em sua última

visita –, o travesseiro de feltro que havia comprado para a cama, as mantas que o médico lhe fazia usar para que os pés não ficassem gelados...

Carregando com dificuldade, de um lado para o outro, sua imponente barriga d'água, não se dava um descanso sequer, até que a primogênita, rindo e lhe tomando os braços, obrigou-a a se sentar em um banco, ignorando os seus protestos.

— Que sorte que você veio hoje, filhinha... seu tio saiu para a feira, e eu teria passado todo o santo dia sozinha...

— Ah é? Sozinhas? Então vai ver só, vou prepara uma festança para castigá-lo por ter saído justamente quando eu venho!

E mandando que ela não se movesse dali, porque não a deixaria fazer nada, como se naquele dia tivesse contratado uma criada, arregaçou as mangas e apanhou a vassoura. Passou por tudo, do dormitório à adega, da despensa à saída e, entre uma coisa e outra, organizou rapidamente toda a casa, descuidada em razão da doença de sua dona. Depois juntou as aves e buscou água para dois ou três dias, enquanto a sopa fervia na panela sobre o fogo; por fim, fez uma omelete com toucinho, que havia trazido de la Rambla, e se puseram à mesa. Enternecida, a tia chorava de gratidão, sempre se surpreendendo com aquela sobrinha que ela havia criado e que valia mais que ouro. Depois de comerem, lavou os pratos, deixando que a tia enxugasse as colheres, colocou a janta, já cozida, sobre o calor do fogão e se puseram embaixo do sol a tricotar. Conversa vai, conversa vem, consertou todas as roupas e as barras de algumas saias; mais tarde, pouco a pouco e oferecendo o braço à enferma para lhe ajudar a caminhar, foram em direção à horta. Quando por volta das quatro horas chegou o tio da feira, deram-se conta que já havia passado todo o dia sem perceberem e que quase havia se esquecido do dente do ancinho.

Depois de se despedir dos tios, foi correndo até o ferreiro.

— Eu não faço esse tipo de serviço, primogênita... se quiser, quando for a Figueras posso ver se fazem por lá.

— Vou conversar com meu pai... uma boa tarde, seu ferreiro. Até logo.

— Vai sair agora para casa? Chegará tarde...

— Que nada! Aperto o passo, se necessário... quando o estábulo a espera, até égua manca fica boa...

— Você é sempre boa, senhorita...

— Sorte sua que a ferreira não te ouve ou já teria levado uma bronca...

E sorrindo amavelmente se lançou costa abaixo com tamanha valentia que se não revelava a atração pelo estábulo, revelava o vigor de seus vinte anos.

De todo modo, o ferreiro tinha razão... ela havia perdido a hora... era preciso se apressar...

O copo de estanho, a taça de cristal e o cálice de ouro haviam se transformado em um vaso de cobre polido. Ao fundo, tudo era uma policromia diversa e quente de uma sinfonia outonal, tiras de fogo contornavam o perfil recortado das montanhas azuis e a grande quantidade de árvores verde escuro. Uma revoada barulhenta de andorinhas pretas, como gotas de tinta pulverizadas pelo céu, festejava o fogo aceso no campanário; as vacas voltavam dos cochos babando e observando com o branco dos olhos sua larga sombra sobre a terra; a abóboda celeste se aprofundava com finas espessuras de porcelana violeta e reflexos dourados; a estrada, como um novelo de lã branco, se estendia por toda a paisagem; os rebanhos baliavam preguiçosamente com a pelagem tingida de rosa... era tudo uma maravilha!

Na primeira parte do caminho, a primogênita se cansou de encontrar com pessoas conhecidas, que terminavam as suas jornadas diárias; depois, à medida que o volume e o relevo acidentado cresciam e se acentuavam, o número de homens e animais foram gradualmente diminuindo... os pilares do baixio já não tinham mais o tamanho correto e pareciam soldados enfileirados, como sentinelas; um montinho de nada parecia tão imponente quanto uma serra; o rumor da água se ouvia como o ímpeto de uma corrente...

Um pouco depois de Puntís, perfurou no céu limpo uma ponta de luz: a Estrela do Pastor...

A primogênita então apertou o passo, já um pouco aflita pela proximidade do anoitecer. Seu pai não gostava que ela andasse pelo bosque à noite, então temia ser repreendida.

Uma coruja começou a piar, e isso a tranquilizou, como a presença de uma companhia inesperada. Também se alegrou quando, passando próximo à baixada do Birell, um cachorro invisível, trancado em algum quintal, sentindo o seu cheiro pôs-se a latir ferozmente, como para um inimigo.

Um feixe de resplendor intenso por trás do castelo de Curriol, um espasmo luminoso no espaço, alguns respingos cor de sangue vivo sobre aquele pico e o outro cume e, em um átimo de segundo, o sol se pôs. Um pó finíssimo de cinzas esfriou tudo, o céu e a terra, as distâncias foram veladas como o hálito quente sobre um vidro e fez-se um minuto de absoluto silêncio, como se o mundo se recolhesse em si mesmo, amedrontado pela chegada de um mistério.

Ainda lhe faltava quase um terço do caminho e apertou o passo, embora, em virtude do cozinhar logo cedo, das caminhadas e dos afazeres do dia, o cansaço já se sentisse.

Dez minutos depois uma nova transformação maravilhosa aconteceu. As cinzas foram espalhadas por um leque invisível; uma falsa e semi-penetrável diafaneidade uniformizou a disparidade das coisas, afinou

os volumes tirando-lhes corpo, tornando os contornos imprecisos e fantasmagóricos...

De repente, um conjunto de estrelas brilhou no alto, o som de um sapo ressoou, uma rã coaxou, a uma distância incerta ressoou um som estridente de uma serra, dois corvos silenciosos, um atrás do outro, deixaram um rastro negro e fugaz no céu opala... por trás de uma janela, ou talvez de um relevo de alguma mureta, na metade da montanha, uma luzinha acendeu, oscilou e apagou...

Um vento gelado e penetrante, como um sorriso virgem, passou por sua pele em direção ao infinito...

O mundo agora era um cibório palidíssimo de prata, sobre o qual, como uma imensa pérola, a hóstia branca da lua estava suspensa... isso ocorreu no momento em que a moça se pôs bosque a dentro. Só mais dez minutos e os cães tratariam de avisar o pai que ela estava chegando... mas... o que era aquele cheiro de carne podre que açoitava o seu nariz?...

Em meio à aspiração, uma pilha de mata se mexeu e a fera saltou diante dela. O susto congelou, à flor do lábio, o seu grito... é ele, não há dúvidas. Não é capaz de vê-lo, mas percebe, ainda mais intensamente que de manhã, o forte cheiro de vinho tinto, de tabaco requeimado e imundice... e sua cabeça começa a queimar, como uma faísca elétrica, ao se lembrar daquela pobre criada que jurara ser inocente, que não tinha um pretendente, que um desconhecido havia surgido do nada... e uma outra lembrança ainda mais dolorosa: a morte tão precoce – tão precoce! – de sua mãe, atingida por uma doença misteriosa e inexplicável para todos, mas, revelada secretamente, antes de sua morte, para a tia de Suriola...

Isso lhe dá uma energia terrível para fugir do perigo; mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, uma massa de chumbo lhe cai em cima, a derruba de costas e se esforça ferozmente para lhe segurar os braços e tapar a boca... como uma serpente golpeada por uma foice, ela se contorce e se agarra a ele, e atracados, um ao outro, saem rodopiando, ora ele, ora ela por cima... a primogênita sente que aquele não é um homem forte e que um esforço tremendo poderia salvá-la; morde, arranha e agita-se feito louca. Quando menos espera, sente um grito ofegante e o grilhão de ferro preso em suas costelas se solta imperceptivelmente... contorcendo-se violentamente, ela consegue tombar o monstro e põe-se em cima dele... agora ele é seu! O instinto a guia como um cão-guia a um cego... ela mesma percebe que o seu rosto deve provocar horror em quem a visse... ao vê-lo esgotado, vencido, em meio às suas pernas, ela se põe de pé com um salto... ainda lhe resta um pouco de razão para recolher a cesta e passar as mãos nos cabelos para ajustá-los...

Não sabe como foi capaz de percorrer, a pé, as centenas de metros que ainda faltavam, mas compreende que não é tão tarde quanto havia pensado, já que em casa ainda a esperam para o jantar, todos juntos na cozinha.

— Ah, não! — disse ela — Já jantei na casa da tia. E comer de novo, sabem? Além disso, como arrumei tudo por lá, estou exausta, vou direto para a cama, se não se importarem...

Disse isso à penumbra, sem que vissem o seu rosto e com uma voz abatida, que os outros atribuíram ao cansaço.

— Vai, filha, vai... você sempre trabalha demais quando vai a Suriola... vou dizer à tia que não deixe mais você trabalhar tanto... — disse o pai, benevolente.

— Espera, vou acender a luz — disse a criada velha.

— Já tenho os fósforos e a vela na mesinha... boa noite!...

E sem esperar que ninguém saísse, sobe as escadas no escuro. Passam-se um, dois, oito, dez dias...

A primogênita anda um pouco abatida, como uma rosa que permanece muito tempo em um vaso, e se queixa de enxaquecas; fora isso, nada acusa nenhuma novidade que se possa suspeitar do ocorrido.

Passado um longo mês, o boiadeiro da Fazenda Mitjà, que tem armadilhas para coelhos em sua propriedade, ao verificá-las, escondido em meio ao matagal, sente, de tempos em tempos, umas lufadas de mal cheiro que lhe provocam náusea... ao passar em frente ao Forat de la Rambla, as lufadas se tornam ainda mais intensas.

O Forat de la Rambla é uma caverna em meio aos rochedos do oeste, cerca de trezentos metros da Fazenda, mas na direção oposta. Ao enfiar sua cabeça na fenda, o boiadeiro vê um homem, tão grande quanto Deus queria que fosse, estendido no chão. E, pela aparência, estava morto, bem morto. Como se o estivessem perseguindo, enfurecido feito um touro, ele corre até a Rambla e conta a novidade; depois, em direção à Fazenda Mitjà e, chegando lá, conta outra vez; passa também por Rellissos e para que serve a língua senão para falar?... em 15 minutos, a notícia havia se espalhado como um incêndio... as pessoas vinham de todos os lugares... quando já havia uma aglomeração, chegaram o juiz de Suriola e o médico de Mollada.

Roget estava atravessado, logo à entrada da caverna, sobre um terreno plano que se havia quebrado em um degrau; por causa desse declive, a cabeça pende mais abaixo do que o corpo; com a boca entreaberta e o lábio torcido simula uma careta espasmódica que a morte acabou por petrificar. A barba, com pelos vermelhos e enrijecidos como ramos de palha seca, tem o comprimento de dois dedos, e nas narinas e em um de seus olhos — revirados e brancos —

moscas negras com reflexos metálicos estão grudadas como carrapatos...

O pai da primogênita cedeu um andor de madeira para que o corpo fosse transportado e, apesar do cheiro insuportável, acompanha junto aos demais a comitiva até o cemitério de Molleda, assistindo à preparação do corpo e à realização da autópsia preliminar.

Depois de um breve exame, o médico confirma o motivo da morte de Roget. Uma mancha de tom violeta do lado esquerdo do baixo ventre indica a passagem de um objeto perfurante, e essa perfuração não tratada provocou uma peritonite. A fome e a sede fizeram o resto.

Com a instauração da diligência, muitos se recordam que há cerca de um mês, Roget havia passado por aquelas regiões com um grupo de boêmios e que, próximo à baixada do Birell, haviam tido uma desavença – não se sabia por qual motivo – e depois, foi visto sozinho, andando pelas estradas. O mais racional parece ser atribuir o crime a uma vingança de seus antigos companheiros e a ordem de que aqueles homens fossem detidos ali ou em qualquer região é dada.

Como só Deus sabia por onde esses homens andavam, além de que com a morte de Roget não se perdia nada de bom, e a família não queria dar parte; o juiz, dando de ombros, autorizou o enterro do morto...

Ao voltar para casa, o pai da primogênita caminhava de cabeça baixa. Vendo-a sentada nos degraus da parte baixa da horta, ele se aproxima e senta-se ao lado dela. A primogênita nota o seu rosto pálido e cansado, como se houvesse passado a noite em claro.

– O que foi, pai? Não se sente bem?

– Filha, o que acabou fazendo com o dente do ancinho? – a primogênita sentiu o sangue gelar...

– Não se assuste e me diga a verdade...

– Eu o enterrei no terraceamento do bosque...

– Bem fundo?

– Sim, pai.

– Tem certeza que ninguém o poderia achar ali?

– Sim, pai.

– Está bem. À noite vou desmontar o ancinho e assim que possível me livrarei dele...

O pobre homem não se atreve a perguntar mais nada.

Quando estamos atados à vida, estamos atados ao nosso destino, que é o mesmo que a uma ordem de fatalidades predeterminadas.

Agora a primogênita tem filhas; são jovens e bonitas como botões de flor e vão a Suriola aprender a ler e a costurar. Cada vez que elas saem, a mãe sente palpitações sufocantes e não volta a respirar até que as tenha por perto novamente... e a primogênita é a herdeira da Rambla, que tem trezentos anos de tradição arraigadas naquelas terras e é a menina dos olhos de todos, e o futuro daqueles de agora e daqueles que hão de vir. Até mesmo o bosque parece sagrado e por nada no mundo cortariam uma árvore sequer.

Mais dia menos dia, talvez, as filhas passarão pelo mesmo assombro que passou sua mãe, que passou sua avó, que passou sua bisavó, talvez... e quem poderia evitá-lo? O destino é incontornável.

Agradecemos aos herdeiros de Caterina Albert i Paradís, especialmente a Benjamí Bofarull i Gallofré, por autorizarem a publicação da presente tradução. Agradecemos também ao Museu de l'Escala, sobretudo a Mariona Font, pelo recebimento acolhedor do projeto de tradução e a Anna Roura, da Cátedra Víctor Català da Universidade de Girona (UdG), pela comunicação cordial e disposição em auxiliar nos trâmites desta publicação. Moltes gràcies a tothom!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARBÓ, Ferran; SIMBOR, Vicent. *Literatura catalana del siglo XX*. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.

CATALÀ, Víctor. *Drames rurals*. Barcelona: Educaula, 2012.

CATALÀ, Víctor. La pua de rampí. In. *Obres completes*. Barcelona: Editorial selecta, [s.d], pp. 775-786.